

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Para a tradução simultânea

PORTOGHESE

Texto provisório, preparado para a cabina

= File: tpCH10062001pt =

Trento, 10 de Junho de 2001

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Excelentíssimo Sr. Bispo,
Sr. Presidente da Câmara,
queridas e queridos concidadãos
senhores e amigos

Como já disse noutra ocasião, esta vinda a Trento, minha cidade natal, deu-me uma alegria especial. Quero agradecer desde já a todos e a cada um daqueles que contribuíram para isso.

Hoje fui convidada a apresentar um tema com um título bastante misterioso: “Quem bebe a água, pensa na fonte”, citando um significativo provérbio chinês. Por isso é lógico começar por perguntar: de que água se trata? E onde está a sua fonte?

Trata-se daquela água, que simboliza a luz sobrenatural, o amor e a força, presentes num daqueles benefícios divinos, definidos por "carismas", que o Espírito Santo concede à sua Igreja, de tempos a tempos, para responder às expectativas da humanidade e enfrentar e resolver problemas típicos do momento, frequentemente indicados pelos "sinais dos tempos", como lhes chamou o Papa João XXIII.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Pois bem, há 57 anos, um desses dons foi derramado por Deus precisamente aqui, nesta terra bendita, de maneira que a água, de que falamos usando uma metáfora, tem a sua fonte na nossa cidade, em Trento.

Visto que o Senhor gosta de depositar os seus presentes no coração de pessoas simples, pobres e frágeis, como seus instrumentos, para que melhor resplandeça a sua potência, escolheu-me a mim nesta cidade, e, comigo, um pequeno grupo de raparigas [*moças*]¹, seguidas pouco depois por alguns rapazes.

Pode surgir agora outra pergunta lógica: como descobriram este dom de Deus, este carisma?

A resposta é simples. É uma história verdadeira, a que estou para contar e que continuamos a repetir, eu, as minhas companheiras e os meus companheiros, milhares e milhares de vezes, em todas as partes do mundo. Só que nesta cidade tem a aplicação concreta e o fascínio das histórias verdadeiras.

Ao longo desta história, desde 1943 (ano do seu início oficial), o Senhor tem-nos vindo a indicar pouco a pouco as etapas necessárias para conhecer a nossa vocação, pessoal e comunitária ao mesmo tempo, que é viver a espiritualidade da unidade.

Esta espiritualidade da unidade, ou espiritualidade de comunhão, tal como expliquei na Catedral no sábado, dia 2, por uma misteriosa coincidência, foi apresentada agora pelo Santo Padre, João Paulo II, a toda a Igreja na sua recente Carta Apostólica, intitulada *Novo millennio ineunte*.

Quanto à história do nosso Movimento, vou falar sobretudo do seu período inicial, do seu princípio, porque ocorreu precisamente aqui em Trento. Mas antes tenho de fazer algumas premissas.

A primeira vez que me apercebi da presença de um benefício de Deus, de uma coisa nova que estava a acontecer em mim e que não dependia de mim, nem da minha inteligência (conto este episódio e tudo o mais com simplicidade, unicamente para a glória de Deus), foi quando - tinha eu 18 anos - senti arder no coração um único desejo: conhecer Deus.

1 As palavras em itálico dentro de parênteses [] são os termos usados ou preferidos no Brasil. O mesmo em todo o texto (N.T.).

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Eu morava com os meus pais e irmãos na Rua Gota de Ouro, n.º 1. Tinha acabado o Magistério (no Instituto Rosmini) e, querendo ir para a Universidade, pensava que numa universidade católica eu iria encontrar alguém que me falaria de Deus e me ensinaria quem é.

Como os meus pais naquele período não me podiam ajudar economicamente, fiz um concurso para entrar na Universidade Católica; porém, por uma circunstância aparentemente adversa, não fui admitida. Recordo como se fosse hoje que chorei até mais não, desconsolada e desolada, ao pé da minha mãe, que não me conseguia animar.

Foi justamente nesse momento que me veio uma certeza no fundo da alma. Foi como se Alguém, para me tranquilizar, me dissesse: “Vou seu eu o teu Mestre”. Parei logo de chorar.

Depois a vida continuou e inscrevi-me na Universidade estatal, em Veneza.

Agora, ao fim de tantos anos, posso afirmar que Aquele, que tive a impressão de ouvir no meu coração, permaneceu fiel à sua promessa. E fê-lo ao dar-me (como eu dizia) um dom do Espírito Santo, um "carisma", cuja luz foi logo comunicada por mim às minhas amigas (poucas nessa altura) que partilhavam os meus ideais. Esse carisma foi também a causa do nascimento do Movimento dos Focolares.

No ano seguinte (estávamos em 1939) convidaram-me para ir a um congresso de estudantes católicas em Loreto, no Centro da Itália, onde se venera, numa basílica parecida com uma fortaleza, a casa da Sagrada Família, que foi transportada de Nazaré para ali no tempo das Cruzadas.

No colégio, frequento o curso com todas as outras, mas, logo que posso, corro para a casinha.

Ajoelho-me ao pé de uma parede enegrecida pelas lâmpadas. Uma sensação nova e divina penetra-me; quase me esmaga.

Contemplo em pensamento a vida dos três Virgens: “Maria terá morado aqui (penso). José terá atravessado este quarto daqui para ali. O Menino Jesus, no meio deles, terá vivido vários anos neste lugar. As paredes terão feito ecoar a sua vozinha de criança...”

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Cada ideia, que me vem, é como se fosse um peso enorme; sinto o coração apertado e as lágrimas deslizam sem controle pelo rosto...

Nos intervalos do curso, corro sempre para lá: aquela convivência de Virgens, com Jesus no meio deles, exerce sobre mim uma atracção irresistível.

Chega o último dia. A igreja está apinhada de jovens. Vem-me à cabeça uma ideia nítida, que jamais se há de cancelar: “Serás seguida por uma multidão de virgens”.

Depois volto para a minha terra.

Em *Castello in Val di Sole*, onde eu dava aulas, encontro os meus alunos e o pároco, que me vê feliz e me pergunta:

“Descobriste o que farás na vida?”

“Sim”, respondo.

“Vais-te casar?”

“Não.”

“Vais para o convento?”

“Não.”

“Vais ficar virgem no mundo?”

“Não.” Percebo que é uma coisa nova, mas não sei mais nada.

Em Loreto eu tinha tido, através de uma imagem plástica (digamos), a primeira ideia do que viria a ser o focolar, para o qual é importantíssima a presença, agora espiritual, de Jesus no meio, tal como era importante a sua presença física para Maria e José.

Passam-se quatro anos. Chegamos a 1943.

Eu estava a fazer um acto de amor à minha mãe (ia comprar o leite, num dia gélido, à Rua Verona, que fica no bairro de Nossa Senhora Branca, em vez das minhas irmãs), quando, a meio do caminho, tive a impressão de que o céu se abria por cima de mim e que Deus me convidava a segui-lo: “Dá-te toda a mim”.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Falei logo com o meu confessor e ele autorizou-me a consagrar-me a Deus para sempre.

Era posta, assim, a primeira pedra do Movimento dos Focolares: o edifício espiritual que iria surgir.

Entretanto eu mantinha a amizade (no nome de Jesus) com algumas jovens, a quem não escondia as primeiras intuições ou inspirações que ia tendo sobre a nossa Obra nos seus primeiros passos.

Ora, quem é que encontrávamos à nossa volta nos primeiros momentos da vida do nosso Movimento? Os pobres, os necessitados.

Eu ainda morava em casa, na Rua Gota de Ouro. Não sei exactamente quem nos impeliu, a mim e às minhas companheiras, a ir ajudar com tamanho zelo os pobres da nossa cidade!?... Provavelmente foi a frase de Jesus: “Sempre que o fizestes a um destes (...), a mim mesmo o fizestes” (cf Mt 25, 40).

Não posso esquecer o corredor bastante comprido da minha casa, cheio de tudo o que lhes podia servir: caixas de compota, pacotes de leite em pó, sacos de farinha, roupa, remédios, lenha... Tudo coisas que tinham vindo sem dúvida da Providência de Deus!

Dado que todas tínhamos um emprego ou estudávamos, recordo que logo depois do almoço saíamos de casa, cada uma com duas grandes malas, cheias e pesadas, para ir visitar os três bairros mais pobres da cidade: Laste, Portella e Androne.

Era um contínuo subir escadas carcomidas pelo tempo ou pelos ratos, velhas e perigosas, numa escuridão quase total, numa desolação que fazia sofrer os nossos jovens corações. E dávamos, por vezes, com um quarto escuro e com um pobrezinho, ou uma pobrezinha, doentes, a quem faltava tudo. Era Jesus!

Dávamos, lavávamos, varriámos o chão, consolávamos, prometíamos, em nome de Deus onnipotente.

Uma vez a Dori, uma de nós, ao fazer a limpeza em casa de um pobrezinho, apanhou uma infecção no rosto, que ficou todo em chagas. Mas já desde então se exultava: ela tinha feito tudo por Ele, por Jesus.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Quando algum pobre vinha à nossa casa, púnhamos a mesa com a toalha mais bonita e com os pratos e os talheres melhores que tínhamos.

Tínhamos todas um bloco de notas e pela rua exultávamos sempre que encontrávamos um mendigo. Falávamos com ele com muito amor; pedíamos que nos dissesse o seu nome e a morada, para o podermos continuar a servir sempre, também no futuro.

Sim, porque para nós a questão era sem dúvida ajudar os pobres, um por um, mas também tínhamos um projecto bem claro: queríamos ajudar a resolver o problema social da nossa cidade. Naquele momento Deus não nos mostrava mais nada do que isso. Era quase como se, tendo-o feito, tivéssemos feito tudo.

Mas o Senhor tinha outro plano sobre nós, como vou explicar.

Entretanto a Segunda Guerra Mundial, terrível, destruía tudo. Muitas pessoas abandonavam a cidade para se refugiar nos montes.

No dia 13 de Maio de 1944 um bombardeamento tornou a minha casa inabitável e, à noite, quando voltou a soar a sirene de alarme, eu e a minha família estávamos refugiados no bosque de Gota de Ouro, que, naquele tempo, era um verdadeiro bosque.

Daquela noite, passada ao relento, estendida no chão, como todos, recordo apenas duas palavras: estrelas e lágrimas. Estrelas, porque, durante a noite, vi-as passar a todas por cima da minha cabeça; lágrimas, porque eu continuava a chorar ao pensar que não ia poder partir de Trento com os meus familiares, que eu tanto amava. As minhas companheiras representavam para mim o Movimento nascente e eu não as podia abandonar.

Pareceu-me, então, que o Espírito Santo - para me fazer entender a Sua vontade - me recordava palavras que eu tinha estudado no liceu: “*Omnia vincit amor*”², “O amor vence tudo”.

Então, o amor a Deus devia vencer também isto?! Eu tinha de deixar partir sozinhos os meus pais e as minhas irmãs?! Eu, que era a única nessa altura que os ajudava economicamente?!

Fiz assim, com a bênção do meu pai.

² VIRGÍLIO, *Ecloghe X*, 68.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

E, enquanto eles se dirigiam para as montanhas, eu encaminhei-me para a cidade bombardeada. A certa altura, na Avenida 3 de Novembro, choquei com uma senhora desesperada, que, apoiando-se nos meus ombros, me gritou: “Morreram quatro dos meus!”. Consolei-a como pude e percebi – de um modo que nunca mais se cancela – que, a partir daquele momento, em vez de sofrer por me ter separado da minha família, eu tinha de abraçar o sofrimento da humanidade.

Fui à procura das minhas companheiras na Rua de São Martinho, passando pelas casas e pelas ruas reduzidas a escombros. Graças a Deus, estavam todas sãs e salvas.

Oferecem-nos, então, um apartamento pequenino na Praça dos Capuchinhos. Era o primeiro focolar? Nós não o sabíamos, mas era mesmo assim.

Entretanto, com a guerra e com as suas consequências, desapareciam as coisas ou as pessoas que formavam de certa forma os nossos ideais juvenis: a possibilidade de continuar os estudos (era o meu ideal), por causa das barreiras impostas pela guerra; formar uma família (era o sonho de outra de nós), porque o noivo morrera na linha da frente; decorar o melhor possível a casa (o sonho de outra), porque esta fora atingida por uma bomba, e assim por diante.

A lição que Deus nos dava era óbvia: passa tudo; tudo é vaidade das vaidades.

Contemporaneamente, o Espírito Santo punha no meu coração, para todas nós, uma pergunta com a respectiva resposta: “Haverá um ideal que nenhuma bomba possa destruir? Pelo qual possamos dar a vida?” “Sim”, foi a resposta. “É Deus!”

Deus, que ali, no cenário da guerra que é fruto do ódio, se revelou mais do que nunca tal como é: Amor. Deus é Amor. Decidimos escolhê-lo como Ideal da nossa vida.

E aqui está a primeira etapa da nossa espiritualidade de comunhão. É o ponto de partida daquele itinerário espiritual, que é preciso percorrer para sermos habilitados a vivê-la: escolher Deus como ideal da vida.

Mas continuemos com a nossa pequena história.

Tínhamos encontrado Aquele por quem viver: Deus Amor. Mas como concretizar este nosso novo Ideal?

Compreendi e compreendemos imediatamente: temos de ser também nós amor como Ele, quase como pequenos sóis ao pé do Sol. E como consegui-lo?

Sempre que se ouvia a sirene de perigo aéreo, levávamos para o abrigo, escavado num terreno que ficava bastante perto da igreja dos capuchinhos, apenas um livro pequenino: o Evangelho. Tínhamos a certeza de que, lendo-o, havíamos de descobrir o modo de sermos também nós: amor.

Abrimo-lo e aquelas palavras, embora fossem conhecidas, iluminaram-se como se uma luz se acendesse dentro delas; inflamaram o nosso coração e sentimos o impulso de as colocar logo em prática. Era um efeito do carisma.

Leio para todas: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 19, 19). O próximo. Onde é que ele estava? Estava ali, ao pé de nós. Eram todas aquelas pessoas, que sofriam por causa da guerra, feridas, sem roupa nem casa, com fome e sede. E começámos logo a dedicar-nos a elas.

Lemos ainda: “Dai e recebereis. Uma boa medida, cheia, recalcada e transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que empregardes com os outros será usada convosco” (Lc 6, 38). Damos, damos outra vez, e voltamos sempre a receber.

Um dia temos apenas uma maçã em casa para comer. Damo-la ao primeiro pobre que bate à porta. Na mesma manhã um parente traz-nos uma dúzia de maçãs. Voltamos a dá-las a outros pobres e, à noite, recebemos uma mala cheia de maçãs.

É o que acontece vezes sem fim.

“Pedi e recebereis” (cf Mt 21, 22). Pedimos a Deus na oração e recebemos, sempre.

Um dia – este é um dos primeiros episódios que contamos sempre – um pobrezinho pediu-me um par de sapatos n.º 42. Eu, sabendo que Jesus se identificara com os pobres, entrei na igreja de Santa Clara, que ficava ao pé do antigo Hospital de Santa Clara, e dirigi-lhe esta oração: “Dá-me um par de sapatos n.º 42 para ti naquele pobre”. Ao sair da igreja, uma rapariga (que,

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

creio, está hoje nesta sala) entrega-me um embrulho. Abro-o: continha um par de sapatos n.º 42.

Ao longo dos anos ocorreram episódios parecidos com este que não se podem contar, de tantos que são!

Jesus tinha prometido e cumpria ainda hoje. Ele não era, por conseguinte, uma realidade do passado, mas era actual. E o Evangelho realizava-se.

Viver o Evangelho, palavra por palavra, é outro ponto indispensável da espiritualidade da unidade.

Quando constatávamos pessoalmente que o Evangelho se realizava, tínhamos a impressão de voar no caminho recém empreendido.

Contamos a amigos e conhecidos o que nos acontece e eles notam que se embatem, não tanto num grupo de raparigas, quanto em Jesus vivo.

Porém o abrigo antiaéreo, onde nos refugiamos, não é seguro. Estamos sempre em frente da morte. Assalta-me então outra pergunta: “Haverá alguma acção, indicada no Evangelho, que agrade de modo especial a Deus?” Gostávamos de a ter praticado antes de morrer, pelo menos nos últimos instantes de vida.

E o Evangelho diz-nos qual é: “Este é o meu mandamento. Amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem um amor maior do que este: dar a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 12-13).

Olhamo-nos, olhos nos olhos, e declaramos umas às outras: “Eu estou pronta a dar a vida por ti”, “eu, por ti”, “eu, por ti...”. Todas, por cada uma. É um pacto solene. Será o alicerce em que se apoiará todo o Movimento.

Enquanto não nos era pedida a vida, vivíamos este pacto partilhando tudo entre nós: os poucos bens materiais, os bens espirituais, as dores, as alegrias, as dificuldades.

Viver o amor, síntese do Evangelho, e de modo especial o amor recíproco, é outra etapa.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Porém, quando começámos a praticar o amor recíproco, a nossa vida espiritual deu um salto de qualidade: notámos uma segurança nova, uma alegria e uma paz, que nunca tínhamos experimentado; a plenitude da vida, uma maior abundância de luz.

O que acontecera? Era evidente. Mediante esse amor, actualizavam-se entre nós as palavras de Jesus: “Onde dois ou três estão reunidos no meu nome (isto é: no meu amor, como nós estávamos), eu estou no meio deles” (Mt 18, 20). Jesus, silenciosamente, tinha-se introduzido - como nosso Irmão invisível - no meio do nosso grupo. E agora Ele, que é a fonte do amor e da luz, estava presente no meio de nós.

Nunca mais o quisemos perder.

A presença de Jesus entre nós é outro maravilhoso pilar fundamental da nossa espiritualidade.

Noutra ocasião, para nos abrigar das bombas, estamos reunidas numa cave escura da Rua Travai. Temos uma vela acesa e o Evangelho nas mãos. Abrimo-lo ao acaso e lemos: “Pai, (...) que todos sejam uma coisa só” (Jo 17, 11-21). É a oração de Jesus antes de morrer. Sempre devido àquele dom divino, de que falámos no princípio, temos a impressão de compreender um pouco aquelas palavras difíceis e fortes, e no nosso coração surge a convicção de que foi para actuar essa página, quase como *magna charta* do nosso Movimento, que nós nascemos: para actuar a unidade, ou seja, para ajudar a realizar a unidade dos homens com Deus e entre eles.

A unidade é outra etapa.

Nessa mesma oração, Jesus continuou assim: “que sejam uma coisa só, para que o mundo creia...” (Jo 17, 21). E é o que acontece também à nossa volta, quando estamos unidas no amor recíproco: as pessoas que já não acreditam em Deus, voltam a acreditar; quem tem uma fé vacilante, passa a acreditar mais; são muitas as pessoas que mudam de vida e se convertem para Deus; outras encontram a força de seguir o chamamento que Deus lhes faz, ou de se manter fiéis à própria vocação.

Passados poucos meses, cerca de 500 pessoas de Trento, mas também de Povo, de Martignano e de outras localidades nos arredores, de todas as idades, homens e mulheres, de todas as vocações, das mais várias extracções

sociais, partilham connosco o Ideal e formam ali, no meio da sociedade, uma comunidade parecida com a dos primeiros cristãos.

Entretanto, as palavras do Evangelho marcam o ritmo do nosso caminho e revelam-se únicas, fascinantes, incisivas, praticáveis na vida. São universais; luz para todo o homem que vem ao mundo. De facto, as pessoas do Movimento penetram-nas, alimentam-se delas, reevangelizam-se e, por meio delas, desencadeia-se e alastra em toda a parte a revolução cristã.

Há uma frase do Evangelho que nos impressiona de modo especial: “Quem vos ouve (aos apóstolos), a mim ouve” (Lc 10, 16). Queremos colocá-la logo em prática. Vamos apresentar-nos ao nosso bispo, D. Carlo De Ferrari. Ele é um sucessor dos apóstolos. Ouve o que lhe dizemos, sorri e diz: “Aqui está o dedo de Deus”. A sua aprovação e bênção acompanham-nos sempre, até à sua morte.

Esta primeira aprovação, do que fazemos, por parte da autoridade eclesiástica, nossa superior, produz em nós dois efeitos: garante-nos que a luz que seguimos, antes como agora, é autêntica, é verdadeiramente cristã; e acelera a nossa corrida.

A unidade com quem representa a Igreja é outro ponto fundamental para alcançar o nosso objectivo.

Felicidade, descobertas, graças de Deus, conquistas. Isto é Evangelho com certeza. Mas desde o princípio compreendemos que todas as coisas têm duas faces; que a árvore tem as suas raízes. O Evangelho cobre-nos de amor, mas também exige tudo.

“Se o grão de trigo, caído à terra, não morrer – lemos em São João – fica só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 12, 24). A personificação desta frase é Jesus crucificado, e o seu fruto foi a Redenção da humanidade.

Jesus crucificado!

Num episódio dos primeiros meses de 1944 compreendemo-lo de modo novo.

Numa determinada circunstância disseram-nos que o maior sofrimento de Jesus, e portanto o seu maior acto de amor, foi quando, na cruz, provou o abandono por parte do Pai: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46).

Ficámos profundamente impressionadas e a nossa idade, com o seu entusiasmo, mas sobretudo a graça de Deus, levaram-nos a escolher precisamente Jesus, no seu abandono, como via para realizar o nosso Ideal de amor. E a partir daquele momento pareceu-nos descobrir o seu rosto em toda a parte.

Ele, que experimentara em si a separação dos homens de Deus e entre eles, e sentira o Pai longe de si, mostrava-nos a sua imagem em todo o nosso sofrimento pessoal, que não faltou; no sofrimento dos próximos, muitas vezes sós, abandonados, esquecidos..., mas também em todas as divisões, os traumas, as separações, a indiferença recíproca, grande ou pequena: nas famílias, entre as gerações, entre pobres e ricos; dentro da própria Igreja, por vezes; e, mais tarde, entre as diversas Igrejas; tal como, posteriormente, entre as religiões e entre quem crê e quem não tem fé.

Ora, todas estas dilacerações, em vez de nos assustar, atraíram-nos em virtude do amor a Jesus abandonado.

Foi Ele que nos ensinou como enfrentá-las, como vivê-las, como procurar resolvê-las, pois, no momento do abandono, voltou a abandonar-se nas mãos do Pai: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23, 46), dando assim à humanidade a possibilidade de recompor a unidade em si mesma e com Deus, e indicando-lhe o modo de o fazer. Ele revelou-se, portanto, a nós como chave da unidade.

O Santo Padre, na *Novo millennio ineunte*, fala de um modo maravilhoso sobre Jesus Abandonado, definindo-o: o aspecto mais paradoxal do seu mistério.

Jesus Abandonado é o pilar imprescindível da espiritualidade da unidade.

A guerra termina. As pessoas, que aderem ao Movimento, podem deslocar-se por motivos de estudo, de trabalho, ou por exigências de testemunho: de facto, são convidados a visitar muitas cidades e lugares para contar o que viveram e viram.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Bem cedo, do Norte ao Sul da Itália, surgem comunidades cristãs, parecidas com a de Trento.

Algumas de nós mudam-se para Roma, mas sem esquecer a terra natal. Durante 10 anos, de 49 a 59, no Verão, com um número cada vez maior de pessoas, voltamos para os nossos montes e formamos uma espécie de cidadezinha temporária: a Mariápolis. Foi numa delas, realizada em Fiera di Primiero, que um bispo chinês, D. Vanni, amigo do Movimento, diante do nosso Arcebispo de Trento, D. Carlo De Ferrari, iniciou um discurso com estas palavras: “Quem bebe a água, pensa na fonte”.

Entretanto, com uma difusão, que foi definida "uma explosão" por uma autoridade, o Movimento atravessa, bem cedo, as fronteiras das nações da Europa. E a partir de 1958 já começa a entrar nos outros continentes.

Hoje – como se sabe – está presente em 182 países do mundo e conta com milhões de pessoas.

E, dado que, quem bebe a água, não pode ignorar a fonte, a nossa cidade de Trento, graças à pequena história, que acabei de contar, é conhecida em todos os cantos do mundo.

Mas o carisma do Espírito Santo não nos deu apenas uma espiritualidade. Também nos inspirou as estruturas deste Movimento, com um Centro e 18 ramificações. Subdividiu-o em muitas zonas. Suscitou cerca de mil ações concretas. Fez nascer 27 Editoras e 35 edições de revistas em línguas diferentes. 20 cidadelas de testemunho, espalhadas pelos continentes. Inspirou-nos a criar secretariados para os diversos diálogos e centros para as denominadas "inundações", de que vou falar mais adiante.

No nosso Movimento praticam-se os quatro diálogos previstos pelo Concílio Vaticano II. É muito amplo e profundo o diálogo interpessoal e com grupos no mundo católico, como entre vários Movimentos eclesiais e Novas Comunidades, e não só, como expliquei no sábado, dia 2, na Vigília do Laicado católico.

No campo ecuménico, há um diálogo intenso com cristãos de 350 Igrejas, que fazem parte da nossa Obra. De maneira que a nossa espiritualidade

da unidade é considerada, também por responsáveis de outras Igrejas, uma espiritualidade ecuménica. De facto cria entre todos nós, de Igrejas diferentes, uma unidade espiritual tão forte que nos faz sentir quase como um único povo cristão na expectativa da plena unificação.

O Movimento está em contacto também com fiéis das principais religiões: judeus, muçulmanos, budistas, hindus, sikhs, xintoístas, taoístas, etc.

O diálogo, alimentado por discursos sobre a nossa experiência cristã em templos, mesquitas e sinagogas (conforme nos pedem), abateu preconceitos de séculos em relação a Cristo, aos cristãos e à Igreja.

As "sementes do Verbo", como se diz, presentes nas outras religiões, vêm em relevo, enquanto esses nossos irmãos assimilam verdades tipicamente cristãs.

Depois, muitíssimas pessoas de convicções não religiosas também colaboram com o Movimento na defesa dos valores comuns, como a solidariedade, a ecologia, a paz, os direitos humanos...

Mas o Movimento também provoca a penetração do Evangelho em todos os campos da vida humana: na política, na economia, nas comunicações, na arte, na ciência, na sociologia, na educação, na medicina, etc. Trata-se daquilo a que chamamos "inundações", segundo uma definição de São João Crisóstomo, que afirma que as "torrentes de água viva", de que fala o Evangelho (cf Jo 4,14 e 7,38), produzem inundações de Espírito no mundo³.

Desta maneira o Movimento começa a dar uma resposta às questões dramáticas da sociedade actual, criando, por exemplo, com a "Economia de Comunhão", uma corrente económica nova, que nos leva a viver como os primeiros cristãos, que eram todos iguais e entre eles não havia indigentes; ou suscitando, no campo da política, o "Movimento da Unidade", que está a renovar o mundo político em vista do grande ideal de um mundo mais unido.

3 Cf. João CRISÓSTOMO, *Johannem homilia*, 51: PG 59, 284.

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Meus queridos concidadãos e amigos, é esta – numa síntese extrema – a história sobretudo dos primeiros anos do nosso Movimento, que, no panorama global de toda a humanidade, se apresenta como uma das realidades carismáticas, em que João Paulo II vê o desabrochar de uma primavera nova da Igreja.

João Paulo II é o Papa de todos, mas também é um Papa especialmente nosso!

Comove-nos sempre a lembrança da sua visita a Trento, a cidade do Concílio, no dia 30 de Abril de 1995.

Daquela vez, na Praça do Mercado, ele, sempre ao corrente do nosso trabalho ecuménico de décadas para reunir, com vínculos de unidade, a nossa Igreja com as Igrejas da Reforma, exprimiu uma sua esperança: que um dia se possa escrever um tratado, que descreva o período desde o concílio de Trento (que decretou a divisão entre as Igrejas) até à explosão do carisma da unidade, que, através do Movimento dos Focolares, nascido nesta cidade, está a invadir a Igreja.

Agradecemos ao Espírito Santo, primeiro autor desta Obra.

Agradecemos a Maria, que tanto teve e tem a ver connosco.

Agradeço a Sua Excelência, o nosso Arcebispo D. Bressan, e ao Sr. Presidente da Câmara, o Dr. Pacher, a respectiva presença.

Agradeço a todos a atenção.

Daqui a alguns minutos, alguns membros deste Movimento, provenientes de diversas partes do nosso planeta, oferecerão o seu depoimento.

Chiara Lubich

“Quem bebe a água, pensa na fonte”

Tradução feita por Teresa Martins em expressão portuguesa

Ufficio Traduzioni, Rocca di Papa, 09/06/2001